

VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo
III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei

24, 25 e 26 de setembro de 2014 - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**“Comprando o jogo”¹ em terras estrangeiras: a capoeira como um produto de
mediação entre imigrantes e europeus**

Bernardo Conde²

Resumo

O presente artigo é fruto de uma série de incursões às grandes cidades europeias a fim de pesquisar a difusão da capoeira nesse continente. A crescente demanda por essa prática possibilitou não só a exportação de mão-de-obra brasileira qualificada, aspectos da cultura brasileira como a língua e produtos musicais, como também uma ética embutida no jogo que se desdobra como modo de navegação social de seus praticantes. A pesquisa procurou dimensionar como o aprendizado da capoeira vai permear modelos culturais europeus e acervos do “capital cultural” - ao modo Bourdieu. A capoeira na Europa não só reproduz a proposta de um jogo que possibilita o encontro das alteridades, mas também realinha hierarquias e saberes que alteram de maneira substancial a relação entre imigrantes e nativos europeus.

Palavras Chaves: Capoeira; “Capital cultural”; Navegação Social.

¹ “Comprar o jogo” é a ação de um capoeirista retirar da roda, com o jogo em andamento, um dos contedores para jogar com o
² Doutor em Ciências Sociais; PUC-Rio; bconde@puc-rio.br

Introdução

Recostado na poltrona de um trem, passando pelas imagens das casas do subúrbio de Paris a caminho de Bruxelas, pensava em como aproveitar a viagem na dissertação de mestrado. Estava em plena escrita quando Mestre Camisa me ligou convidando para participar na organização dos Jogos Europeus de Capoeira de 2003. Dizia que desde 2001, os Jogos estavam muito desorganizados e como eu havia ajudado na elaboração e produção dos Jogos Mundiais no Brasil, era a pessoa indicada para tomar a frente do evento que aconteceria na Bélgica. Com a experiência de quem viveu o mundo da capoeira como praticante, pesquisador e produtor de eventos, sabia que a tarefa era bem complicada, apesar da esperança que com os capoeiristas europeus seria diferente: “mais sérios, mais organizados...”, segundo Camisa. Passaria uma semana em Bruxelas, mas efetivamente trabalharia apenas dois dias inteiros e mais duas tardes, o que me deixava ingenuamente otimista com relação a produção da dissertação.

Uma hora mais tarde desembarcávamos na estação, eu, Mestre Camisa e alguns capoeiristas brasileiros convidados para o evento. Maria Bonita e Macaco Preto, que eram os responsáveis pelos jogos de Bruxelas, nos receberam afetivamente e nos encaminharam para a van. Ele um baiano, negro, alto, de sorriso fácil e ela, branca de origem portenha que vivia na Bélgica há mais de 20 anos.

Antes de seguir nos acontecimentos, é importante entender essa questão dos apelidos. Maria Bonita, Macaco Preto, Camisa são os nomes de referência dessas pessoas no universo da capoeira. Ao ser iniciado oficialmente no jogo, no dia do batizado³, o aluno já tem, ou recebe na hora, um nome com o qual ele será conhecido. Esse apelido geralmente faz alusão a algum tipo específico de comportamento, característica física ou mesmo parentesco com outro capoeirista já iniciado. As escolhas tendem a recair sobre a semelhança com algum animal, personagens populares, frutas e objetos. Quanto ao parentesco, busca-se um sistema de classificação por proximidade; Camisa tem como irmão mais velho Camisa Roxa e mais novo, Camiseta. Lembro-me que em minha época de praticante tinham os irmãos Garoa e Sereno, e, Visual e Visorama. Pai e filho? Perna e Perninha. Como muitos podem exercer uma profissão relacionada a capoeira, evitam-se nomes que possam ser pejorativos. Também é possível disfarçar atributos que determinaram o novo apelido como Tarubi ou Columá, que desvendam algumas características dos próprios se lidos de trás para frente.

O apelido é uma tradição que remonta ao século XIX, quando os capoeiras⁴ estabeleciam novos nomes para dificultarem as identificações pela polícia. A prática da luta não só era proibida como também estava associada ao mundo do crime. Ao longo do século XIX, a atividade com maior incidência encontrada nos registros das casas de detenção no Rio de Janeiro era a capoeira (Soares, 2001).

³ Evento que celebra a iniciação, troca de cordas e, muitas vezes, o reconhecimento de um mestre. Nesse dia são convidados amigos e familiares para assistirem o ritual.

⁴ Denominação dada aos capoeiristas na época.

Ainda hoje, com raras exceções, a interação é sempre feita tendo o apelido como referência. O nome civil é quase sempre desconhecido, a ponto de, aqueles que mergulham mais profundamente nesse universo, terem um tempo de atraso entre a emissão fonética e a atenção em resposta ao chamado. Muitas vezes chamar o Mestre Camisa de José Tadeu, representa que ele ou não responderá, ou levará algum tempo para relacionar o nome a pessoa. A alusão ao nome civil dos capoeiristas que são profundamente vinculados à capoeira, lhes é sempre estranho, quando não, desagradável. Assim o batizado é o primeiro e mais concreto ritual de passagem para esse universo. A partir do batizado se estabelece que o aluno está construindo uma nova identidade, onde sua bagagem identitária anterior - externa - não terá muita serventia no meio.

Antes de irmos para o albergue, reservado apenas para capoeiristas que participariam do evento, fomos levados para um shopping no qual havia uma loja de café do Brasil que coo-patrocinava os Jogos. Lá, muitos capoeiristas europeus, sem disfarçar a excitação com a chegada do Mestre Camisa, participavam de uma roda que parou para as apresentações. Naquele momento fui caracterizado como um antropólogo que pesquisava sobre a capoeira. Ao final da roda, fui procurado por duas pessoas. Um funcionário da embaixada brasileira, que me abordou da seguinte forma: “Você pesquisa sobre a capoeira? Estou precisando de material para entender melhor. Os únicos eventos que a embaixada tem sido acionada, envolvem capoeira. Você tem alguma indicação, algo que possa me ajudar?”. Depois se dirigiu a mim um rapaz que aparentava uns 25 anos. Em um português absolutamente claro, iniciou a conversa da seguinte maneira: “Me desculpe por não dominar seu idioma. Eu faço capoeira somente há seis meses. Tenho muito interesse em ler sobre o assunto, mas não consigo encontrar nada. Você me recomenda algum livro?”.

Fui para o albergue com essas questões reverberando em mim: a capoeira como únicos eventos culturais de grande porte relacionados ao Brasil e um belga, em Bruxelas, pedindo desculpas por não dominar bem o português.

Dividindo um quarto amplo com o Mestre Camisa e outros dois capoeiristas, Sabiá da Bahia e Nagô, pude mais uma vez constatar que o único assunto possível de se conversar nesse meio tinha que envolver capoeira. Nada que não estivesse relacionado se sustentava mais que um minuto, por mais interessante que pudesse ser estar em uma nova cidade ou mesmo em um novo continente, como um forte campo magnético, a capoeira atraía todos os assuntos a sua volta. Ela propicia um micro cosmo social onde se fazem amigos, “se ganha uma família”, namoradas(os), focos, competições, histórias, profissão, eventos, viagens, novas hierarquias e novas identidades. Essa diversidade, em parte, se deve ao fato de diferentes personalidades são atraídas para a prática. Pessoas mais identificadas com música e ritmos, gente com vocação para luta ou atividades físicas, ligadas ao jogo e subjetividades ou dança e plasticidade, isto é, o sujeito mais agressivo, o mais brincalhão, o mais artista, o ligado em cultura brasileira, o introspectivo, o esportista e o competitivo, todos podem encontrar um espaço valorizado nesse universo. No grupo ABADÁ-Capoeira⁵, fundado pelo

⁵ Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento a Arte Capoeira, que em meados de 2000 se tornou uma federação de capoeira.

Mestre Camisa, segundo o qual, são mais de trinta mil associados pelo mundo, há inclusive uma expectativa em que o desenvolvimento como bom capoeirista esteja relacionado a imersão e a prioridade dada esse mundo. Não só no âmbito da prática, mas também na interação com as atividades que circundam a capoeira.

Professores brasileiros, muitos deles vivendo como quase “exilados”⁶ na Europa, adentravam o quarto ávidos para ouvir o mestre Camisa. Essa excitação adicionada ao *jet lag*, nos levou a até às quatro da madrugada. Pela manhã, já embarcado na van que nos levaria ao Palais du Midi, a todo momento, na iminência da partida, apareciam professores/alunos afobados, terminando de se vestir enquanto pediam carona. Com o carro lotado, os corpos ficavam imensos, ocupando todo o cenário interno. As janelas, ainda que fechadas pelo frio, passavam a ser a única possibilidade de se respirar novas paisagens, as quais anunciavam um bairro pobre, letreiros toscos, prédios de três ou quatro andares, com fachadas cinzas, deterioradas pelo tempo, escassez de árvores e folhas, carros velhos dirigidos por imigrantes árabes e mulheres em seus tensos hijabs. Esse cenário me remetia aos quadrinhos do Tintin⁷.

Ainda na van, buscava conversar sobre as coisas que via, o clima, o comportamento das pessoas à rua, mas invariavelmente o assunto retornava à capoeira: a nova cantiga que fulano cantou na roda, o jogo em que cicrano bobou e levou duas quedas, como estão as turmas de tal professor em Bruxelas...

Ao entrar Palais du Midi me espantei ao ver por dentro daquela faixa - a de um prédio de arquitetura do século XIX - um ginásio moderno, com arquibancadas retráteis e três quadras polivalentes, com a possibilidade de ser dividido por cortinas de armação metálica, que subiam e desciam conforme a necessidade. Entretanto a modernidade arquitetônica não me impressionou tanto quanto a visão de uns quinhentos capoeiristas com seus abadás⁸ e camisas brancas.

Corpos, cabelos, cores, olhos muitos distintos dos quais me acostumei a ver naquelas roupas. As idades e os gestos que ainda não dominavam o jogo, deixavam um vestígio de inocência no ambiente, impressão certamente ampliada pelo branco da luz, das roupas e das peles. Contudo, a um olhar mais atento, era possível distinguir uma diversidade cultural que se expressava em tatuagens, cabelos, na forma de usar as roupas, línguas e posturas. Mais tarde, o espectro de cores foi ampliado com a chegada dos descendentes de africanos e árabes.

Na van, enquanto íamos para o jantar, encaminhei o assunto sobre a quantidade de participantes no evento⁹. Piolho, professor na França, falou que a capoeira tinha virado “uma febre em Paris”¹⁰. Mestre Camisa falou que Minie, um capoeirista japonesa, falava em haver mais de 30 grupos de capoeira no Japão, e Mestre Nagô, após ter ministrado alguns cursos em Israel, disse que viu gente circulando com berimbau nas ruas de

⁶ Por entrarem sem visto de trabalho na Europa, se viam impedidos de voltar ao Brasil, ou mesmo, muitas vezes, de transitar entre um país europeu e outro, com medo de perderem o seu emprego.

⁷ Personagem belga de histórias em quadrinhos muito conhecido na Europa.

⁸ Calça de helanca, usada para a prática da capoeira.

⁹ Apesar de haver em torno de 500 alunos no ginásio, já constavam mais de 850 inscritos.

¹⁰ Em 2005, o site www.capoeira-france.com registrava cerca de 400 grupos em atividade por todo o país.

Tel Aviv. A segunda noite mal dormida não foi por conta de conversas entre o mestre e os alunos, nem tampouco o *jet lag*, mas em função da reverberação daquelas imagens do ginásio associada à todas as recentes informações.

Tratava-se, naquele momento, de questionar como a capoeira, um fenômeno construído em consonância com um sistema cultural específico - Brasil, ainda que imerso em grande diversidade cultural -, vai encontrar espaços entre sociedades contemporâneas complexas e distintas entre si. Como estava sendo apropriada a fim de atender aos processos de construção identitária dos mais diferentes grupos culturais da Europa. De outra maneira: “O que está acontecendo com a capoeira fora do Brasil?” “Por que 850 europeus - em um evento de apenas um grupo - se dispunham a pagar 100 euros para dormir mal acomodados em um ginásio, participar de workshops e dos Jogos de capoeira durante quatro dias?”, “O que realmente estava sendo vendido e comprado por meio da capoeira?”.

A viagem se desdobrou em mais uma semana em Paris, e anos de pesquisa¹¹ com diversas idas a Bruxelas, Paris, Barcelona, Madri, Guimarães e Munique, sempre na trilha dos eventos e com estadas prolongadas para acompanhar o cotidiano de capoeiristas europeus.

O Jogo da Capoeira

“Capoeira é tudo que a boca come!”
(Mestre Pastinha)

A escravidão proporcionou o encontro de grande diversidade de culturas africanas no Brasil. Desses encontros instituíram-se uma série de novas práticas e costumes que tinham como um dos aspectos mais relevantes o de serem produtos da aglutinação de diferenças. A capoeira é um dos frutos dessas interações entre escravos e libertos, africanos e brasileiros, no espaço urbano do Rio de Janeiro. As primeiras referências à prática encontram-se nos arquivos das antigas casas de detenção e datam do final do século XVIII (Soares, 2001).

Não havia uma proposição de orientação esportiva, nem somente a objetivação de uma luta eficiente. O jogo vai tomando forma a partir de uma mescla cultural que envolvia dança/ritual, luta e brincadeira, sempre acompanhada de um instrumento de percussão¹² (Moraes Filho, 1999). Ganhou fama na cidade por estar associada às ações das maltas de capoeira¹³, que utilizavam a luta como um meio de obter poder e dominar territórios (Holloway, 1997). A capoeira pode ser pensada como um fenômeno que foi se constituindo como

¹¹ Para a tese de doutorado

¹² O berimbau só passa a ser associado a capoeira em meados do século XX.

¹³ Grupos de capoeiristas com até cem integrantes, que circulavam pela cidade e disputavam o domínio, entre si, pelo “comando” territorial.

espaço dialético em meio a novos contextos culturais que se delineavam na vida destes africanos/brasileiros. Foi se estabelecendo como um espaço de mediação entre diversas etnias (Conde 2007).

A capoeira hoje trabalha com um conjunto de linguagens, verbais e não-verbais. O corpo, elemento preponderante da comunicação - definindo ou ocultando intensões - , está em sintonia com a música, que marca o andamento do ritmo com os berimbaus, atabaque e pandeiros. As cantigas tem por função, contar histórias, aumentar a motivação da roda e, também, “mandar recados” aos jogadores e ao público.

O jogo pode ser visto como uma configuração, que envolve a história da disputa particular entre os contendores, o ambiente – objetivo da roda, tipo de público, local, predisposição emocional dos participantes (“clima”) -, a ideologia do grupo, o tipo de ritmo e música. São variáveis que podem estar em constante movimento, como em um sistema aberto. Nesse cenário, a vitória sobre o adversário, muitas vezes, não é o objetivo final.

Um observador leigo tende a ser tomado pela plástica dos movimentos, avaliando a qualidade do capoeirista, mais pela exuberância estética do que pela capacidade de controlar o jogo e/ou dominar seu adversário. Concluem, muitas vezes, que na capoeira os contendores apenas fingem lutar. Da mesma maneira, o iniciante tende a uma preocupação exagerada pela forma, o que acaba por dificultar a interação com aquele com quem está jogando, ou seja, o iniciante passa por uma fase narcísica, em que os olhos e o pensamento estão quase o tempo todo voltado para si, em busca de atingir a meta fornecida por um modelo idealizado, deixando em segundo plano a noção de um jogo a dois.

Quando passa a dominar com maior desenvoltura os golpes e a continuidade necessária para desenvolver o jogo, o aluno começa a ser afetado pela presença do outro e com isso tenta adequar os seus movimentos ao do adversário; é encontro com a alteridade. Agora começa a ter que decifrar, a partir da leitura corporal, as intenções explícitas ou implícitas daquele que pode ser seu adversário ou companheiro no desenrolar do encontro.

Com o passar do tempo conseguem associar ao jogo, o contexto geral da roda. A partir desse momento, a capacidade de se tirar partido das falhas do adversário, seduzi-lo para desorientá-lo, fingir, enganar, dissimular, antecipar seus movimentos, e nesse ínterim, também exibir sua própria destreza e plasticidade, tudo ao ritmo do berimbau, vai determinar a sua qualidade como capoeirista. Muitas vezes, o bom capoeirista, consciente da fragilidade (“inocência”) do seu adversário, soma as ações descritas acima, a uma conduta que intenciona facilitar a manifestação das potencialidades do iniciante, para que assim possam “desenvolver um bom jogo”.

A definição das regras da capoeira é tarefa complexa que não se encontra em nenhum manual, pois como já foi afirmado, não há regras universais nem fixas e muito menos uma explicação direta e objetiva do que pode e do que não pode fazer durante um jogo. Conforme as circunstâncias, um soco bem desferido - golpe não característico da capoeira -, pode ser positivado ou negativado no meio.

Então, a questão se abre é: “com tamanha subjetividade, como podemos classificar de capoeira um embate entre contendores? O que pode ou não pode fazer numa roda? O que faz da capoeira, capoeira?”

Estes elementos variam de grupo para grupo. Para alguns, a definição seria dada pela ginga, ainda que com variações na forma de gingar, da mais construída, equilibrada e exata até o cambalear análogo a de um bêbado caminhando. Para outros o que define a capoeira são os tipos de golpes, a submissão ao ritmo do berimbau ou até mesmo a soma de alguns outros elementos. Porém, nenhum deles parece limitar o gestual do corpo, indicar eficácia a ser perseguida, nem apontar um fim claro e objetivo a ser atingido.

É a partir da interpretação do contexto que se torna possível determinar objetivos tais como: derrubar, bater, enganar, humilhar, dissimular, compor um jogo bonito, compor um jogo técnico, brincar, simular uma luta, treinar... ou, até mesmo, buscar todos simultaneamente.

A classificação da capoeira incorre no mesmo processo. A tentativa de localizá-la exclusivamente em um segmento cultural, seja esporte, luta, dança, brincadeira, “vadiação”, jogo, arte, etc., tende sempre ao fracasso. Isto porque sua característica multifacetada impede seu aprisionamento em um sistema de classificação primário e objetivo.

A capoeira pode até ser utilizada como esporte, mas esta é apenas uma de suas facetas, e reduzi-la a uma modalidade esportiva descaracteriza alguns de seus princípios básicos, limitando-a ao estipular de antemão condutas e comportamentos, retirando do capoeirista a coautoria dos objetivos.

Na capoeira, a busca pela virtude não está em seguir estritamente as normas ou as tradições, mas na capacidade de interpretar as circunstâncias singulares de um fenômeno, de distinguir o que é e o que não é oportuno, conduzindo-se dentro de uma “moral” que oscila de acordo com o momento. Não havendo normas fixas, universais, a constituição da virtude está na capacidade de avaliar as circunstâncias. Dentro desta perspectiva podemos articular o conceito de “moral das circunstâncias” ou “moral do momento”. O conjunto de regras e tradições não se apresentam de maneira linear, variam conforme o contexto. Há uma série de rituais tradicionais que são respeitados e reproduzidos nos jogos, mas, mesmo esses, obedecem a um limite dado pelas circunstâncias. É exigido do capoeirista o “bom senso” para distinguir quando deve ou não seguir a tradição.

O capoeirista iniciado, tem como premissa básica a ideia que se você “apanhou, é porque errou em algum momento, avaliou mal o seu oponente, a roda, o contexto...”. A imputação de uma má conduta ao adversário - uma ação fora do contexto, por exemplo -, não o exime da responsabilidade pelo golpe sofrido, ou seja, uma perspicaz e constante leitura de tudo que pode afetar o jogo é determinante para um bom capoeirista. Mestre Camisa costumava repetir a máxima: “Na capoeira tem que se confiar desconfiando.”

Desse modo estão em jogo simultaneamente a tradição e a criação, a brincadeira e a violência, o afeto e a agressividade, os rituais e o improvisado, o mestre e o aprendiz, o jogo e a luta. Estes elementos não se

colocam de forma exclusiva, ao contrário, é a capacidade de um capoeirista transitar entre essas categorias que faz dele um bom capoeirista, e quando sabe operá-las simultaneamente, um mestre (Conde, 2007).

A capoeira na Europa

“(…) o ministro da Cultura, Gilberto Gil, aterrissou em Barcelona (...) discursou no Fórum Universal das Culturas [2004] (...) citando como exemplo a difusão da capoeira mundo afora, sem apoio oficial, como um fenômeno com o qual temos muito o que aprender.” (Jornal do Brasil, Caderno B, 15/05/2004, pg. 10).

A fala do ministro no Fórum Universal das Culturas (Barcelona), assim como a peça publicitária da Telecom¹⁴, apontava para um fenômeno que vinha num crescendo desde o anos 1990.

Em 2012, dezoito países participaram dos Jogos Europeus. As maiores delegações eram da França, Alemanha, Espanha, Portugal. Nas grandes cidades europeias, não é difícil encontrar academias que ofereçam aulas de capoeira. Em Paris por exemplo, num levantamento primário feito em 2008, foram contabilizados mais de 30 mil moradores da cidade praticando o jogo. Na primavera e no verão, pode-se encontrar rodas em parques ou em lugares turísticos como Place de la Bastille, Champs-Élysées, próximo ao Louvre ou as margens do Sena. Essas rodas servem, em sua grande maioria, como um meio de atrair novos alunos. Ao final são distribuídos *flyers* aos espectadores com endereços das academias e telefones dos professores.

Nossa pesquisa sobre a capoeira na Europa tem início nas entrevistas/conversas com alguns professores brasileiros na Europa: Tico (Tarragona), Teco e Albatroz (Barcelona), Urso e Brucutu (Madri), Piolho e Nô (Paris), Macaco Preto (Bruxelas) Cascão (Lisboa) e Pretão (Munique). A ideia era mapear certas questões como a diferença percebida por eles, de aulas/alunos, entre Brasil e Europa. Entender, por meio da experiência desses professores, quais são os tipos alunos e a diferença com relação aos brasileiros, seus estranhamentos com a cultura e que capoeira eles estão traduzindo para essa gente¹⁵. Depois os professores

¹⁴ Veiculada em rede nacional de televisão nos meses de agosto e setembro de 2004, a peça publicitária apresenta “O Brasil que está dando certo” e entre alguns exemplos está “O sucesso da capoeira no exterior”.

¹⁵ “Nesse aspecto, entre a emissão e a recepção da capoeira, vale ressaltar que a compreensão de qualquer mensagem está referenciada ao mundo social que cerca o receptor. Ou seja, ela sempre é compreendida a partir do contexto em que está sendo emitida e/ou recebida.

O emissor e receptor tem que partilhar um contexto de semelhança. É a semelhança é quem propicia a condição de verossimilhança.

Se alguém diz que o dia está maravilhoso, tem que se trabalhar com o contexto do emissor - por exemplo em lugares onde a seca castiga a região a chuva é maravilhosa - e com o referencial de dia maravilhoso.

Cabral Pina (2003) se utiliza da conversão de um sacerdote budista ao cristianismo para discutir essa questão. Saber da adequação a nova crença e o sentido que tinha para ele, está preso não somente a relação com as outras crenças e sua visão de mundo - senso holístico - assim como a conjuntura social econômica, política e cultural que o cercava.

O autor indica que o entendimento e o sentido desta conversão se tornam inacessíveis até mesmo, com o passar do tempo, ao próprio convertido, que reinterpreta o contexto e reedita sua trajetória. A isso os linguistas chamam de “indeterminação da tradução”.

Europeus: Haiti e Tarubi (Paris), Esmeralda (Leverkusen), Brida (Berlin), Hispano (Barcelona), Manjerico (Londres). Com estes, buscamos suas visões de capoeira e o modo de transmitir. Por último, diversos alunos desses países, tratando sempre da relação deles com a capoeira, processos de identificação e suas visões de mundo. Também acompanhamos incontáveis aulas em academias e algumas rodas de rua.

A diversidade de professores, alunos, cidades e países, serviu para destilar alguns particularismos individuais, regionais e nacionais, deixando como questão central o que tangia essas especificidades na relação da compra e venda da capoeira.

A entrada, de maneira significativa, dos capoeiristas brasileiros na Europa, começou a partir anos 1970. Nessa época grupos de folclore excursionavam com shows de samba, capoeira, ritmos e percussões, e alguns integrantes não regressavam ao Brasil para tentar melhor sorte profissional¹⁶. Nô e Brucutu, se encaixam nesse perfil. Fizeram parte, de certa forma, dos desbravadores do mercado europeu. Nô, pernambucano, de origem pobre, contou que na França, participava de shows exóticos de dança, que misturavam estéticas brasileiras e africanas, inclusive, muitas vezes, tendo que se fantasiar de animal selvagem. Conseguia, também, “bicos” como percussionista em gravações e shows. Por falta de dinheiro e moradia, dormiu diversas vezes no metrô.

Brucutu, classe média, deixou o Rio de Janeiro, para seguir uma trajetória semelhante. Tinha um conhecido em Madri que lhe dava abrigo. Para ganhar dinheiro tocava berimbau e fazia apresentações de capoeira nos metrôs e parques. Os dois, Nô e Brucutu, pouco a pouco, foram conseguindo espaços para darem aulas e com o tempo ampliaram o seu público de tal modo que não conseguiam mais atender as novas demandas. Com o mercado em expansão, convidavam amigos do grupo para ocupar esses espaços, fossem em bairros mais distantes ou em cidades próximas.

Quando um novo professor chegava à Europa, já contava com um local provisório para dormir e também com o apoio dos que trabalhavam nas redondezas. No intuito de incrementar as primeiras aulas do novo professor, os antigos levavam para as aulas destes instrumentos, alunos, faziam rodas de capoeira em locais público, distribuição de cartões e *flyers*.

Essa rede de solidariedade, permitiu que em menos de dez anos, um único grupo, o Abadá-Capoeira, tivesse mais de 150 professores espalhados pela Europa. A partir de meados dos anos 1990, o grupo criou um sistema de arrecadação de fundos, para dar suporte aos recém-chegados, ou àqueles que, por algum motivo especial, estivessem em dificuldades financeiras. Esses fundos eram arrecadados tendo por base a

A implantação do cristianismo no Japão e China necessitou de certa adaptação da cultura local e principalmente de uma adaptação do cristianismo aos novos contextos culturais, “inculturação”. (Conde, 2007)

¹⁶ Nos anos 1970, a capoeira, como prática profissional, tinha muito pouco mercado no Brasil. Poucos conseguiam viver de dar aulas ou de shows. Somente a partir dos anos 1990 houve uma mudança significativa. Escolas e academias de atividades físicas começaram a ter um bom retorno oferecendo a capoeira no rol de suas atividades.

quantidade de alunos e o valor da mensalidade cobrado. Professores em regiões mais ricas, contribuíam mais.

O sistema arrecadação possibilitou uma quantidade maior de professores saírem do Brasil, conseguirem se firmar, conquistarem vistos de trabalho e se estabelecerem. Hoje, são mais de 350, segundo Mestre Camisa, presidente da Abadá-Capoeira. Em média, nas grandes cidades, são cobrados cem euros por aluno/mês. Professores como o Nô, já estabelecido há mais de 20 anos em Paris, têm em torno de 150 alunos.

Brucutu, assim como Nô, relatou que a partir do final dos anos 1990 o perfil dos alunos foi mudando. No começo, quem fazia aulas de capoeira era

“mais velho, alternativo, ligado a essas coisas de vegetarianismo, vida natural... Alguns faziam balé, teatro, música... artista né? A capoeira para eles era mais um trabalho físico diferente, muito mais dança do que luta. Depois, a procura pelos mais novos aumentando. Passou a ter mais luta, agressividade, diversidade. Foi aí que a capoeira aqui deu um salto. A quantidade de alunos cresceu muito rapidamente.”.

Esses novos alunos se alinhavam em dois “tipos ideais” os que se percebiam marginalizados socialmente, “outsiders” (ao modo Elias, 2000), em sua maioria, imigrantes ou descendentes de. De outro lado, os que se percebiam em acordo com o com os “ideais sociais”, os “estabelecidos”, quase todos nativos. Porém, esse segundo grupo questionava o modo de vida ao qual se encontrava minimamente “adaptado”.

Dentre esses dois tipos, de uma maneira geral, os professores destacavam que os imigrantes, outsiders, tinham maior vocação para o desempenho no jogo enquanto que os estabelecidos eram mais colaborativos e dóceis. Nos Jogos Europeus que acompanhei ao longo destes anos (de 2003 à 2013) os vencedores foram: dois “franceses”, Tarubi - de origem argelina - considerado o mais “brasileiro” dos europeus, e o Haiti, que o apelido denuncia sua origem; Cabuenha, um português de Cabo-Verde - de origem angolana-; Neguinho, um holandês das Antilhas; Pitbull, um alemão de família polonesa; Caboclinho, um belga da Tunísia; Babuíno, também francês de origem argelina; Por fim, Ator, um espanhol da Espanha.

A malícia, a criatividade e o improviso, assim como a ideia de ser marginal, no sentido mais literal, são valores positivados dentro do universo da capoeira, ainda que em muitas vezes, em função dos espaços profissionais - escolas, universidades, academias, patrocínios, projetos sociais etc. -, haver uma queixa sobre como a “sociedade marginaliza a capoeira” ou “não dá o seu devido valor”. Há sempre um discurso na tentativa de “desmarginalização” que vem sendo traduzido desde Mestre Bimba (1920) através de uniformes, hierarquia, disciplina, sistematização a fim de que a capoeira fosse desassociada do mundo marginal e do crime¹⁷. No entanto, paradoxalmente, o enquadramento do indivíduo as regras e a

¹⁷ Mestre Bimba no desejo de ampliar a receptividade da capoeira na Bahia produziu uma série procedimentos, tendo inclusive um estatuto de comportamento que recomendava aos capoeiristas “não beber, não fumar, não se envolver em rodas de rua e não alardear a sua condição de capoeirista”. O intuito era produzir uma imagem mais docilizada da capoeira em contrapartida a que circulava nas camadas médias baianas, da capoeira uma prática marginal, atribuída à “malandros” e “desocupados”, e no caso mais específico de Bimba que tinha sua academia dentro da zona do meretrício de Salvador, uma prática que se conjugava ao crime.

objetividade é visto como algo que estreita sua margem de manobra, que o limita acerca da criatividade e do improviso, que impede a malícia e a malandragem de aflorarem. Enfim, o torna uma presa fácil no jogo.

Na Europa, os alunos “outsiders” percebem que suas dificuldades de adequação a um sistema que valoriza o planejamento, racionalidade e objetividade em detrimento do improviso, emoção e subjetividade, são secundárias ao mundo da capoeira. O outro tipo ideal, os “estabelecidos” afirmam ter encontrado na capoeira um espaço alternativo - mais flexível - aos modelos ideais de comportamento oferecido no mundo que os cerca. Suas falas são de queixas da impessoalidade, objetividade, previsibilidade, intolerância ao erro, falta de calor humano e de manifestação das emoções. “Gosto da capoeira porque nela a gente pode errar.” (Esmeralda, alemã, professora de capoeira em Leverkusen).

Com os que conversei, foram unânimes em afirmar que foram atraídos à capoeira pelo exotismo estético de uma luta associada à música. No processo de aprendizagem, os alunos tendiam a destacar o encantamento pela plástica do jogo, mas o que determinava a permanência de longo prazo se relacionava à junção dessa estética ao *ethos* do jogo. Esse aprofundamento na subjetividade criava um clima de competição, mas, por outro lado, produzia laços de cumplicidade, constituindo subgrupos que se alinhavam num misto de identificação pessoal, corda (graduação) e cidade/país.

Frequentando os locais de aula, em algumas poucas observações já é possível perceber que o lugar do mestre/professor¹⁸ reproduzia, de certa forma, o mesmo que acontecia também no Brasil. Os professores/mestres eram figuras centrais em torno dos quais os alunos gravitam. As aulas eram permeadas de narrativas sobre o jogo, vida e histórias ricas em simbolismos. Essa metodologia fazia da capoeira um eixo de subjetividades comum para alunos com diferentes visões de mundo e estilos de vida, muitas vezes incompatíveis entre si. Ações e atitudes que surgiam no jogo eram, muitas vezes, comparadas a acontecimentos cotidianos, hierarquizados por valores constituídos a partir da lógica da própria capoeira. “Eu já tive aluno que chegou à conclusão, sozinho, que a capoeira é uma metáfora da vida. Eles jogam, brincam, lutam vêm que é algo sério e que ao mesmo tempo é levado de maneira leve e alegre.” (Albatroz).

Uma expressão que se repetia com frequência na conversa com os professores brasileiros era: “Aqui tudo dá certo.” Essa frase se referia à racionalidade, ao respeito as regras, o modo como no cotidiano os acontecimentos seguiam ao que estava planejado. Os horários, os compromissos, o trânsito, tudo era passível de previsibilidade, mas que toda essa precisão e controle se desmoronava diante de um fato inesperado.

“O cara vai sair e vê que o pneu do seu carro está furado. Ele já tem todo um esquema para consertar e seguir adiante, mas se ele chega no carro e tem dois os pneus furados... Fica perdidinho. Não consegue fazer nada. Senta na calçada e chora.”, disse Teco em meio a uma risada.

¹⁸ Cada grupo de capoeira distingue mestre de professor, conforme a graduação deste. Aqui usaremos “mestre” mais em função do papel desempenhado do que propriamente pela graduação formal.

Na fala desses professores havia ênfase na ideia que faltava malícia aos alunos, que eram muito ingênuos e, em função disso, boa parte do treino era pautada em conversas sobre a imprevisibilidade de antecipação de condutas. Tico disse que quando era questionado pelos alunos de como se deveria agir em uma determinada situação, a resposta invariavelmente iniciava por “depende”, o que gerava desconforto aos iniciantes.

A proposta de aulas entrecortadas por explicações, conversas, analogias, narrativas estreitava laços entre os alunos e o professor. Piolho, quando começou a dar aulas em Paris, disse que estranhava o modo frio e distante que os alunos se relacionavam com a aula, mas, principalmente, entre si. Disse que para criar um sentido de unidade, ficava após os treinos, conversando com a turma. Contava histórias de capoeira, mestres e situações de jogo, e a maneira como a capoeira “poderia ajudar na vida das pessoas”. Criava um ambiente mais intimista, que não só produziu “maior calor humano entre eles, mas também me ajudou com a solidão dos primeiros meses na França”, disse ele.

Esse “ambiente comum de comunicação” (Shutz, 1979), no qual diferentes representações sociais encontram um espaço comum de trânsito e comunicação, possibilita a indivíduos de trajetórias diferentes intercambiarem suas experiências. No Brasil, num mesmo grupo, e até numa mesma academia, pude conviver e interagir com desempregados, garçons, artistas de televisão, estudantes universitários, analfabetos, habitantes de favela, ex-moradores de rua¹⁹, moradores da zona sul carioca. Na Europa essa diversidade, além de comportar algumas variações individuais, é marcada pela distância sociocultural entre o nativo e o imigrante.

Nesse processo, a malícia, a capacidade técnica, o domínio sobre os instrumentos, a criação de cantigas, a desenvoltura na roda são elementos indicadores de um novo status e de novas hierarquias, distintos do mundo externo à capoeira. As ordens sociais vividas no dia-a-dia são abandonadas no vestiário assim que se troca a roupa pelo abadá²⁰.

Consumo e materialidade na capoeira da Europa

A capoeira entra no século XXI com uma mudança significativa como produto de consumo. Se nos anos 1970 e 1980 viver de capoeira - como professor ou mesmo participando de eventos folclóricos - era para muito poucos e feito de modo semiprofissional, a partir dos anos 1990 há uma crescente difusão pelas academias, escolas e projetos sociais. A capoeira vai paulatinamente se afastando de seu caráter marginal e tendo seus aspectos de atividade física, luta, dança e, principalmente, pedagógicos, difundidos e positivados. Essa crescente procura foi esfriando uma questão que gerava muita controvérsia, a “mercantilização da capoeira”. Como havia um mercado restrito, aqueles que buscavam na capoeira uma profissão rentável eram

¹⁹ Nos grupos de capoeira é bastante recorrente oferecer bolsas para alunos pobres que “levam jeito” para a prática. Em troca estes se comprometem auxiliar os professores nas aulas, nos cuidados com a academia, etc.

²⁰ Calça, geralmente de helanca, usada para a prática da capoeira.

muitas vezes acusados de “não ter a alma de capoeirista”, de “pôr os interesses financeiros acima da arte”, de estar “se aproveitando da capoeira”. A identificação com a capoeira e a sua propagação se aproximava de uma vocação sacerdotal, onde o professor deveria buscar como rendimento o suficiente para sua subsistência. A capoeira podia ser equiparada a uma religião expansiva, na qual a propagação, e não a remuneração, era a meta final. Remontavam à antiga dicotomia entre a produção de arte e mercadoria.

O aquecimento do mercado, tanto pela demanda interna como pelo aumento da procura nos EUA e na Europa, foi determinante no arrefecimento dessa discussão. Se no Rio de Janeiro dos anos 1980 não havia mais de dez ou vinte professores na disputa por um público de centenas de praticantes, nos anos 2000, já eram centenas professores em um mercado de milhares de alunos. Um aluno com dois anos meio a três de treino, já encontra espaço para trabalhar. No entanto, dentro dos grupos, ainda há um certo policiamento com relação ao foco exclusivo em “faturar com a capoeira”. Como se o dinheiro circulante devesse ser apenas consequência do processo de identificação e com o comprometimento de sua difusão. Há ainda uma forte discriminação àquele que dá muita importância ao aspecto financeiro.

Esse crescente aumento da demanda aqueceu também a produção de berimbaus, atabaques, cordas, camisas, abadás, CD's, DVD's e uma série de subprodutos que vão dar suporte aos capoeiristas. Profissionais passaram a viver desse mercado material. Muitos dos que vão à Europa ou aos EUA participar de workshops, levam malas com materiais para abastecer esses mercados. Cada berimbau em uma cidade europeia sai em torno de 80 euros; um abadá, 60. Em viagens que participei, alguns integrantes das delegações levavam até 50 berimbaus, o que criava diversos problemas nas alfândegas.

Tanto nos EUA quanto na Europa, a posse de um berimbau ou até mesmo de um atabaque, e sua efetiva utilização, confere ao proprietário um importante status, não só de pertencimento, mas de marcas identitárias que conduzem à passagem de ser um aluno de capoeira para ser reconhecido como um capoeirista. Para adensar a identidade de capoeirista, o europeu, além de jogar bem, precisa saber tocar berimbau e atabaque, falar português e viajar com alguma frequência ao Brasil.

Todo o processo de produção e venda do material ainda se encontra numa fase bastante amadora, conveniente à moral artística e não mercantil. Nessa dimensão, há uma importante valorização das características artesanais que envolvem a compra e venda desses produtos.

Alguns esquemas de turismo para capoeira também começam a surgir a partir dos anos 2000. Professores vendem pacotes a estrangeiros que incluem roteiros com visitas às favelas, rodas, academias no Rio de Janeiro e em Salvador. No caso do Abadá-Capoeira, há também um centro de treinamento (CEMB) em Itaboraí, que proporciona a esses alunos um processo de imersão na capoeira. Ter passado uma temporada no Brasil confere ao capoeirista europeu um status superior, ele se torna “mais malandro”, mais respeitado e admirado nas rodas. “Para pegar um ônibus no Rio, só sendo capoeirista!”, me confessou Hispano (espanhol, professor de capoeira em Barcelona).

Essas constantes viagens de alunos estrangeiros ao Brasil e de professores brasileiros ao exterior facilita o processo manutenção de uma unidade ética, didática, técnica, ritualística e das tradições da capoeira. As músicas, os nomes dos golpes, os apelidos, além das aulas em si, são sempre em português. A matriz Brasil busca intencionalmente controlar e atualizar a capoeira ensinada e vivenciada nos EUA, na Europa e no resto do mundo.

Esse consumo material, que se mescla com os elementos imateriais da capoeira, se irradia para aspectos culturais periféricos. O samba carioca, os ritmos e danças baianas, o maculelê e as favelas também passam a ser consumidos como importantes componentes de uma estética Brasil/capoeira.

Consumo e capital cultural

Autores como Douglas e Isherwood (2004), Lipovetsky (1989), Campbell (2001/2006), Miller (2002) e Barbosa (2006) abrem espaço para novas perspectivas de se entender o consumo de maneira mais ampla e subjetiva, complexificando os aspectos culturais, de produção de sentido, de comunicação identitária e imaterialidade, entre outros.

É justamente no rastro desses novos olhares que se inscreve este artigo. Trazendo algumas questões de um complexo campo de trocas simbólicas fruto da comercialização da capoeira na Europa.

A noção de consumo na contemporaneidade é bastante complexa. Podemos entendê-lo como um processo social, em função das diversas formas de provisão e acesso aos bens e serviços; como produtor de sentido e identidades; como delimitador de grupos sociais e estilos de vida (Barbosa & Campbell, 2006). Traduzir significados do consumo torna-se determinante na compreensão da cultura contemporânea.

Durante muito tempo, o campo de pesquisa das ciências sociais se aprofundava no universo da produção industrial, mas relegava a segundo plano o consumo. Um mundo de operários produzindo bens e classes populares ofertando serviços, eram objetos nobres para a pesquisa. Na outra ponta, o consumo, que possibilitava o escoamento da produção e dos serviços, era visto como nefasto, e o único viés possível de abordagem seria demonizando todos os envolvidos diretos com a sua “sedução” e efetivação.

O consumismo compulsivo, a obsolescência programada dos objetos, os limites envolvendo sustentabilidade podem ser questões caras às sociedades modernas, mas a leitura de um livro, a apreciação de uma música, um filme inspirador, o aprendizado de filosofias orientais, a democratização da comunicação também contemplam o universo do consumo.

Lipovetsky pensa a democratização da moda como marca determinante da contemporaneidade. Esta corrobora com os valores modernos: individualismo, igualdade e democracia. Um novo estilo de vida “lúdico-estético-hedonista-psicologista-posmidiático” rompe com as “odisseias ideológicas”, e, por meio da moda, “estimula o culto da salvação individual e da vida imediata, sacraliza a felicidade privada das pessoas

e o pragmatismo das atitudes, rompe as solidariedades e consciências de classes, em benefício das reivindicações explicitamente individualistas”. Por não levar em conta o indivíduo singular e nem a “vida livre”, principais aspirações do individualismo contemporâneo, as grandes ideologias sucumbiram diante do império do efêmero (1989, 247).

Nessa dimensão lipovetskyana se encaixa uma série de pesquisas que discutem novos panoramas sociais a partir da ascensão da classe C no Brasil. A diminuição do custo dos objetos, as políticas sociais de distribuição de renda e o aumento da oferta de trabalho possibilitaram o aquecimento econômico e a mobilidade social. Agora, certas experiências de consumo, até então restritas às classes A e B, podem ser vivenciadas pela nova classe emergente, democratizando, por meio do consumo, o acesso às identidades socioculturais fornecidas por bens e serviços mais acessíveis. Essa ruptura com fronteiras simbólicas de identidade e pertencimento pode ser uma pista para a alta rejeição das classes A e B às atuais políticas econômicas e sociais.

Na contramão dessa noção de “democratização” por meio do consumo, Bourdieu (1998) ressalta que a hierarquia temporal, oportunizada pela moda, atende às demandas de distinção social. As estéticas da moda seguem o padrão de uma determinada classe social, a que detém o “capital cultural”. Esta impõe como valor seus gostos, os quais se difundem socialmente como um trem mimético onde cada vagão representa um estágio social conduzido pela locomotiva cultural. Essa estética produzida, ou dimensionada como valor, por aqueles que são detentores do “capital cultural”, vai penetrando as diversas camadas sociais, se não por meio do consumo efetivo, no mínimo, se estabelecendo como objeto de desejo. Era possível encontrar essa forma de difusão já no século XVIII, quando “Londres era o centro geográfico e social da moda e a inovação se espalhava pelas províncias de tal maneira que se sustentava ser possível traçar as gradações do vestuário da moda, segundo a distância percorrida da metrópole.” (Campbell, 2001, 38)

Bourdieu (2003), entende a cultura - sistemas simbólicos – como meio de organização do mundo, dando significados aos objetos, definindo moralidades, qualidades e estabelecendo valores. Não há uma pré-condição objetiva que determine se algo é bom ou ruim, mas sim valores implícitos atribuídos por grupos dominantes, dentro de específicas configurações sociais, que vão legitimar, ou não, uma estética, uma ação ou uma identidade.

Ainda que as camadas de baixa renda, por meio de mobilidade social, tenham acesso ao consumo fornecedor de identidade culturais, os detentores do “capital cultural” estabelecem distinção social por dominarem a produção valorativa de estéticas específicas.

Esse capital pode englobar saberes como o domínio da norma culta de uma língua, certos tipos de conhecimentos históricos, políticos, sociológicos ou filosóficos, estéticas no campo da arte, padrões de gosto na culinária etc. Os aspectos que vão determinar um certo tipo de conhecimento como valor são construídos por aqueles que detêm o campo de produção da “legítima cultura”, ou seja, um grupo dominante que se

torna quase um preceptor de seus filhos. Estes, de posse dessa herança cultural, vão encontrar afinidades, respaldos e distinções e, por consequência, mais estímulos e recompensas em espaços teoricamente democráticos como as escolas. No Brasil, as mídias de massa também exercem papel semelhante ao das escolas na reprodução da “legítima cultura”, ainda que apresentem uma série de programas envolvendo camadas populares, não deixam de sinalizar como ideais os valores estabelecidos pelos detentores do “capital cultural”.

A escola, para Bourdieu, acaba por ratificar os valores da “legítima cultura” ao determinar e privilegiar certos conhecimentos em detrimento de outros. Esta é erigida como o espaço onde vão ser ofertados conhecimentos sem diferenciação de classes, tendo na meritocracia o processo de distinção entre alunos. No entanto, ao determinar valorativamente o conhecimento “bom” ou “certo”, a escola acaba por ocultar a discriminação simbólica em relação aos saberes das camadas populares, que vão estar em desarmonia com as características da “cultura legítima”. Assim, a medida em que a escola se apresenta como um espaço neutro e democrático, ela se empodera de um caráter universal que facilita e credibiliza a legitimação do sistema de valores do grupo dominante.

Para as classes populares restam duas alternativas. A primeira, a fim de pertencimento e reconhecimento de seu valor, buscar com esforços redobrados saberes que estão acomodados na linhagem hereditária dos grupos dominantes. A segunda, lutar pela inclusão de saberes do seu universo nos acervos da “cultura legítima”.

As camadas populares, ao pleitearem o “capital”, promovem um entrelaçamento cultural, comum nos processos de aculturação. No entanto vale ressaltar que nesse tipo imposição cultural, ainda que haja mudanças mais determinantes no grupo dominado, o grupo dominante também é afetado.

Na Europa, a capoeira aparece como um universo social paralelo, desassociado da cultura local, que oferece uma nova configuração de saberes e interações. Esta nova configuração é bem-vinda pelos imigrantes que, em função de suas heranças culturais, têm dificuldades de navegação social no Velho Continente. Também será positivada por nativos europeus que se encontram insatisfeitos com o seu arsenal cultural, ainda que detenham o capital da “cultura legítima”.

A exportação de um modo de navegação social

No refluxo do processo de colonização, em que a colônia importou produtos e valores de legitimação cultural, a exportação da capoeira parece atender demandas de navegação social concorrentes aos modelos europeus.

A capoeira oferece um espaço plural em função de sua característica multifacetada, ou “multiparcializada”. Ela pode abrigar pessoas que se identificam com a música, o jogo, a dança, a luta, os exercícios, entre

outros. Também é plural, à medida que não concentra em sexo, idade e características atléticas, o seu público alvo.

Além de se apresentar como esse outro exótico, emoldurado por ritmos, tradições, gestos estranhos a outros grupos culturais, a capoeira traz no interior de sua prática uma proposta de constante negociação, em que as individualidades não são niveladas por regras universais ou por saberes pré-estabelecidos por grupos dominantes que se reproduzem nas escolas. Essa condição permite, de maneira significativa, uma autonomia do sujeito. A autonomia ocorre não só no processo criação e improvisação diante das situações, como também na reação e no posicionamento diante do outro - seu adversário ou companheiro de jogo.

Os esportes ocidentais são frutos de uma cultura objetiva, burocrática e racionalista. São regulamentados por regras universais que legitimam o comportamento moral positivo. Já na capoeira, por não haver regras fixas ou lineares, abre-se espaço para interpretações pessoais, possibilitando ao sujeito uma constante atuação na ratificação ou retificação das regras propostas. O que acaba por estabelecer na negociação uma estratégia essencial ao jogo. Esse sujeito se percebe em constante negociação com diversos planos de realidade, isto é, adequando suas ações a cada contexto que envolve um jogo.

Desse modo, podemos pensar como uma hipótese da crescente procura pela sua prática deve-se ao fato do jogo produzir, para além de uma estética “exótica”, éticas que acabam por transformá-lo em uma “arte da negociação” (Conde, 2007).

Saberes adquiridos dentro desse universo são facilmente transportados para a vida cotidiana e vice-versa. A capoeira na Europa se apresenta como um bem de serviço que oferece uma gama de interações subjetivas as quais dificilmente podem ser vivenciadas entre europeus e imigrantes no cotidiano das grandes cidades. Os capoeiristas trabalham com duas frentes: a do mundo paralelo da capoeira, onde seu capital cultural específico determina distinções e hierarquias, independentes do mundo externo. E do mundo cotidiano, onde os conhecimentos adquiridos no jogo amplia as possibilidades e potencialidades do sujeito no que se refere a interação e negociação com outros saberes.

Não raro, em seus comentários, os capoeiristas europeus atribuírem à capoeira a ampliação do lastro de recursos para lidar com a vida cotidiana. Ainda que adaptados à objetividade, à racionalidade e tendo o planejamento como principal meio de navegação, se sentem mais potencializados por poderem usar os saberes da capoeira como um recurso extra nas situações do dia-a-dia.

A capoeira na Europa fornece aos seus consumidores, para além da prática de uma atividade física ou identidades exóticas e interessantes, experiências de negociação com alteridade que ampliam seus potenciais de navegação social.

Referências Bibliográficas:

Livros

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CAMPBELL, Colin. *Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CONDE, Bernardo. *A arte da negociação: a capoeira como navegação social*. Rio de Janeiro: Novas Ideias, 2007.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens. Para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, ed. UFRJ, 2004.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000
- HOLLOWAY, Thomas. *Polícia no Rio de Janeiro – Repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução por Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MILLER, Daniel. *Teorias das compras – o que orienta as compras dos consumidores*. São Paulo: Nobel, 2002.
- MORAES FILHO, Alexandre Melo. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999.
- SOARES, Carlos Eugênio Líbano *Capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2001.
- SHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Capítulos de Livros

- BOURDIEU, Pierre. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARBOSA, Livia e CAMPBELL, Colin. *O consumo nas ciências sociais contemporâneas*. In: BARBOSA, Livia e CAMPBELL, Colin (Orgs.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Teses de Doutorado

- CONDE, Bernardo. *“Iê, vamos embora camará! Iê, mundo afora camará...” :sobre a capoeira e sua difusão pela Europa*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) . 162 p.. PPCIS/UERJ. Rio de Janeiro, 2010.